Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social

UNIUBE

Ano VI•nº248•Uberaba/MG•de 3 a 9 de junho de 2003

Turismo ecológico

A dois passos do paraíso

Exuberância natural da Serra da Canastra deslumbra turistas de todo o país

págs. 6 e 7

issuu-downloader.com

Editorial

O que podemos fazer?

A humanidade precisa urgentemente de um grande esforço conjunto para encontrar formas de desenvolvimento sustentável e mudar urgentemente o atual modelo predatório de exploração da natureza. Muitas vezes, parece que nos esquecemos deste senso de urgência, e ficamos preguiçosos, indolentes e insensíveis.

Nunca é demais lembrar que, o que está em jogo, é a permanência ou a extinção da vida na Terra

No entanto, é preciso que todos nós, individualmente, somemos os esforços para mudar nossa história. Apenas conscientizar-se do problema não soluciona. É necessário agir, participar e dar exemplo.

Nesta Semana do Meio Ambiente (de 2 a 6 de junho) a professora Enedina Maria Borges Silva, a idealizadora do Projeto Lixo Mania, trouxe a Uberaba o especialista José Cavalcante Barbosa, para oferecer oficinas de reciclagem de embalagens descartáveis. Barbosa ensina a confecção de utensílios, – como vassouras e brinquedos – feitos a partir de material reaproveitado.

As oficinas estão sendo realizadas em diversas creches e escolas, como a Creche Comunitária Monika Budeus e Ricardo Misson, Escola Municipal Geni Chaves, Escola Municipal Frei Eugênio, Escola Municipal Santa Maria, Educandário Espírita Estrada de Damasco, Escola Municipal Geni Chaves , Casa Acolhida Marista, entre outros.

Essa iniciativa é um precioso exemplo do que podemos fazer para transformar essa realidade. Ficar impassível e fingir que o problema não é conosco, não vai ajudar em nada. Nunca é demais lembrar que, o que está em jogo, é a permanência ou a extinção da vida na Terra.

Painel do leitor

André Azevedo,

Paulo e eu estamos fascinados diante do Revelação - Cronologia da Destruição. Impecável!!!!!!

Lendo a matéria a gente é penetrado na História do Brasil, de nós mesmos e evidentemente dessa cidade tão charmosa que é Uberaba. Quanta riqueza de informação através de construções belissímas, imortais, infelizmente somente em nossas memórias. É claro que tê-las concretamente nos dá o prazer de rever constantemente tanta beleza e nos mantém ligados ao nosso passado. São patrimônios de Uberaba, do Brasil, do Mundo. Lamento que pessoas ilustres dessa cidade deêm mais valor a estacionamentos e coisas afins. Não sou dessa cidade, nem desse estado. Mas, em São Paulo, no Rio ou aqui, me sinto também dona de patrimônios arquitetônicos, culturais e históricos como o palacete de Antonio Pedro Naves. Tive a felicidade de chegar à essa cidade em tempo de conhecê-lo, foi tão breve. Teria valido à pena chegar antes para apreciá-lo mais, viajar tempo adentro em cada contorno dessa construção, que hoje só temos a lembrança.

Quanta riqueza de informação através de construções belissímas, imortais, infelizmente somente em nossas memórias

Parabéns pelo seu incorformismo e denúncia. Que a sociedade uberabense seja tocada pela sua mensagem e se una na preservação do pouco que nos resta.

Abraços de **Laureni Tavares e Paulo Rezende**

A reportagem está disponível na integra através do endereço:
http://intermega.com.br/andreazevedo/cronologia

Palestra

Universitários debatem meio ambiente

Professores de Turimo e Jornalismo falaram sobre os motivos da escassez de água na cidade

Sana Suzara
7° período de Jornalismo

Alunos do primeiro ano e do terceiro período de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, tiveram a oportunidade de debater no último dia 28 de maio, a necessidade do despertar da consciência da importância do meio ambiente para todos os seres vivos. Os professores Paulo Pucci do curso de Turismo e Francisco Marcos dos Reis, de Jornalismo promoveram a palestra "A terra em miniatura", e estimularam o debate

Em Uberaba, a preocupação ambiental gira principalmente em torno da conservação e reconstituição da mata ciliar

Paulo Pucci alertou a todos para o fato de que o meio ambiente é um fator de preocupação global, mas que tem efeitos locais. Professores e alunos concordam que em Uberaba particularmente a preocupação ambiental gira em torno da conservação e reconstituição da mata ciliar. Fundamental para a conservação das águas e as formas adequadas para o uso adequado.

A falta de água na cidade foi um dos assuntos que despertou interesse na plateia quando professor Pucci declarou que a falta de planejamento foi um dos motivos da escassez de água. Para ele a construção de um reservatório é importante, para garantir o abastacimento de água na cidade. Lembrando que a preservação das as nascentes é fundamental, e que cada um pode contribuir com uma parcela. Reciclar, transformar e preservar. A lista de cuidados com o meio ambiente é ampla, estendendo-se desde aqueles necessários em ambientes edificados e urbanos até aqueles ao ar livre, na natureza.

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba (revelacao@uniube.br)

Supervisora da Central de Produção: Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Projeto gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenador da habilitação em Jornalismo: Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Érika Galvão Hinkle (erika.hinkle@uniube.br) • • • Professoras Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Neirimar de Castilho Ferreira (neiri.ferreira@uniube.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Suporte de Informática: Cláudio Maia Leopoldo (claudio.leopoldo@uniube.br) • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Gráfica Imprima
Fale conosco: Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Jornal Revelação - Sala L 18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8953
http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: paineldoleitor@uniube.br - As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

issuu-downloader.com

Cidadania

Estudantes de Educação Física fazem campanha do agasalho

Roupas e cobertores serão distribuídos para entidades carentes da cidade

Da redação

Estudantes do 1º ano do curso de Educação Física da Uniube estão realizando uma campanha para arrecadar agasalhos entre universitários e moradores dos bairros próximos ao Campus II. As roupas, cobertores e demais assessórios serão doados para entidades carentes da cidade. O projeto conquistou o apoio da Uniube e do Plano de Atenção ao Estudante (PAE).

A campanha será realizada de 2 a 6 de junho, e os pontos de coleta serão insta-lados em barraquinhas localizadas ao lado da cantina. A campanha contará também com apresentações de estudantes de Educação Física, que prepararam atividades para divulgar o projeto. As atividades serão realizadas às 10h15 e 21h15, na praça da Cantina, através do projeto Ars Nova, do PAE.

A iniciativa foi despertada pela aluna Beatriz Pinheiro Arduini. Ela sugeriu a idéia à sua turma e, com a ajuda de Mirella Campos Da-grava, passou a organizar a campanha. "A gente nem entrou ainda no inverno, e o frio chegou de repente! Pegou muita gente desprevenida. Então, senti a necessidade de ajudar e fazer com que os universitários ajudassem também, porque sei que muita gente sem condições de comprar roupas vão sentir frio se a gente não fizer nada", disse Beatriz.

As entidades beneficiadas ainda não estão definidas, pois dependem do tipo de agasalho que será doado. "Tem que ver o que vamos receber, se vai ser roupa de criança, se vão ser cobertores, para poder direcionar melhor as doações", esclarece.

As estudantes não vêm incompatibilidade em realizar uma segunda campanha do agasalho ao mesmo tempo em outra já está em execução. "Quanto mais puder ajudar, melhor. A idéia é somar e levar nossa ajuda a todos que precisam. Há uma outra campanha do agasalho que recebe as doações no shopping e em outros pontos. Pensamos que talvez fosse mais prático para o universitário, ou os moradores próximos da universidade, doar por aqui perto. É mais uma forma de estimular a participação social", explica.

Muita gente costuma guardar as roupas por anos na gaveta, sem usá-las, ou mesmo lembrar que existem

As estudantes acreditam que muita gente costuma guardar as rou-pas por anos na gaveta, sem usá-las, ou mesmo lembrar que existem. "Às vezes ficam escondidas no guarda-roupa por mais de cinco anos. A gente sempre tem aquela esperança de que vai emagrecer, ou pensa que vai voltar usar um dia, que a moda vai voltar. Mas o que acontece é que a roupa nunca mais é usada. Fica mofando e enchendo guarda-roupa."

Elas garantem também que esta iniciativa será a primeira de várias campanhas sociais que o curso pretende realizar no decorrer do ano. "Com isso, queremos incentivar o envolvimento do alunos do curso de Educação Física em outras atividades sociais."

A campanha tem o apio do PAE, e é patrocinada por Jin.Jin Chinese Fast Food, Todo Suco (Uniube), Medicinal Drogaria Manipulação e Homeopatia e Varejão Central de Sacramento (MG).

André Azevedo

Beatriz e Mirella querem incentivar o curso a participar de atividades sociais

Veja a programação

Dia 2 (Seg.) Capoeira Senzala
Dia 3 (Ter.) Body Combat
Dia 4 (Quar.) Body Jam
Dia 5 (Qui.) Apresentação de dança Axé
Dia 6 (Sex.) Dança do Ventre

issuu-downloader.com

Meio ambiente

Faróis inimigos

Animais silvestres são presa fácil nas rodovias brasileiras

fotos: Maurício Rosa de Castro

Maurício Rosa de Castro
6° período de Jornalismo

Por morar em Araxá e estudar em Uberaba, percorro diariamente um trajeto de 230 km (ida-e-volta) pela rodovia BR-262, que liga as duas cidades. Há quase três anos viajo cinco vezes por semana, totalizando em torno de 5000 km por mês. Nesta maratona percebo constantemente animais silvestres mortos à beira da rodovia. Dentre as várias espécies de animais destacam-se os tamanduás-bandeira, lobos-guará, tatus, gambás, sariemas e alguns tipos de aves. No começo cheguei a acreditar que o grande número de animais mortos poderia ser por maldade de alguns motoristas de caminhão, que acabavam atropelando-os por puro prazer.

Certo dia, numa dessas viagens, quando voltava de Uberaba para Araxá, acabei atropelando um lobo-guará. Eram aproximadamente 23h30, estava sozinho e viajava a uns 110 km por hora. Ele surgiu inesperadamente, cruzando a rodovia; todo esforço, não foi suficiente para evitar o choque. Hoje acredito que dificilmente todo motorista tenha culpa. É tudo muito rápido. Voltei imediatamente na tentativa de socorrer o animal, levando-o para algum veterinário, mas infelizmente não consegui localizá-lo. Provavelmente ele sofreu algum ferimento, e se arrastou para fora da rodovia.

Uma onça suçuarana, foi atropelada no km 197 da Br-050, entre as cidades de Uberaba e delta. O acidente ocorreu dia 10 de maio quando o animal tentava atravessar a rodovia. A onça é um animal raro em extinção, foi levada para o Museu de História Natural para ser embalsamada.

Laura Teodoro de Oliveira Fernandes, médica veterinária, afirma, que sem algum socorro dificilmente o lobo que atropelei sobreviveria, qualquer que tenha sido o ferimento, pois é um animal muito sensível e se estressa facilmente.

Antônio Dérrico, motorista de ônibus que transporta há nove anos estudantes de Araxá que estudam em Uberaba, acredita que o número de animais silvestres atropelados é muito grande, e a maioria dos atropelamentos ocorre devido à reação dos animais ser contrária da que imaginamos. O agravante é que à noite só se consegue vê-los quando já estamos quase em cima. "O tatu parece uma pedra que de repente se move, e não dá tempo de desviar, o Lobo parece que fica bobo com o farol e o gambá é o pior deles. Desnorteado com os faróis, passa a correr em circulos.

"O tatu parece uma pedra que de repente se move, e não dá tempo de desviar, o Lobo parece que fica bobo com o farol e o gambá é o pior deles"

Dérrico lembra que, certa vez, quase chegando a Uberaba, viu alguma coisa escura no asfalto. Acreditou ser um saco preto ou algo assim. "Quando fui desviar, passando para a outra pista, percebi que era um tamanduá dos grandes", conta. Para piorar a situação, quando estava bem próximo, o tamanduá se assustou com o barulho do microônibus e parou de uma vez, ficou em pé e abriu as patas dianteiras. Esta é sua forma de defesa; quando ameaçado, tenta abraçar suas vítimas, cravando suas enormes unhas. "Neste momento, não pude fazer mais nada, o impacto foi forte e fatal. Uma passageira que estava em um poltrona da frente, chegou a questionar que eu havia atropelado uma pessoa; falei para ela se acalmar, que era apenas um animal, lembra Derrico." A dianteira do microônibus amassou bastante e tinha pêlos de tamanduá por toda a suspensão e o escapamento.

Dificilmente um animal recebe socorro, porque a maioria dos atropelamentos ocorre durante à noite, dificultando a ação

Era comum ver animais próximos à estrada. Antigamente, quando comecei a fazer esse trajeto, ao entardecer, eu via e mostrava para os passageiros alguns animais, principalmente tamanduás que ficavam alimentando-se próximo à rodovia. Hoje só os vejo quando já estão no asfalto, sem vida. Numa segunda-feira, 10 de março, deste ano havia um logo após o viaduto ferroviário, sentido Araxá.

O cabo Melo da Polícia Florestal de Araxá não culpa os motoristas pelos atropelamentos. Ele acredita que, se pudessem, evitariam os acidentes, mas questiona apenas que se os animais atropelados recebessem algum tipo de socorro, pelo menos alguns seriam salvos. Mas dificilmente um animal recebe socorro, Até porque a maioria dos atropelamentos ocorre durante à noite, dificultando a ação. Há ainda o medo e o risco de parar o carro em rodovias à noite.

Para o soldado florestal Gabriel, o maior índice de ocorrência em Araxá é perto de áreas com algum tipo de reserva, onde à noite os animais saem para buscar alimento. Na reserva do Galheiro, próximo a Araxá, vemos Gambás, tatus, jaratatacas, cobras e capivaras atropelados. Na BR-262, entre Araxá e Uberaba, também são vistos tamanduás-bandeira, lobos-guará e sariemas. "O lobo-guará é mais comum na região de Sacramento", diz Gabriel. "Os fazendeiros,

issuu-downloader.com

não apenas os veículos, ameaçam o lobo-guará. Eles caçam os lobos para proteger suas criações," observa Gabriel.

De Norte a Sul

O problema de atropelamento de animais silvestres parece fazer parte de todas as rodovias do país, com pequenas exceções. Um estudo feito na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, UFMS, constatou que a BR-262, entre as cidades de Campo Grande e Corumbá, é a recordista em atropelamento de fauna silvestre no Brasil. Em um ano foram mortos mais de 1400 animais de 88 espécies diferentes. É uma cifra impressionante de quatro atropelamentos por dia e mais de três por quilômetro. As vítimas são tamanduás, tatus, jacarés, capivaras, cervos e até animais raros ou em extinção, como a onça-pintada e o lobo-guará. "É uma tragédia silenciosa, da qual a maioria dos brasileiros nunca ouviu falar", diz o biólogo Wagner Fischer, de 27 anos, responsável pelo levantamento. Sua pesquisa, comparada com outra feita em 1992 pela bióloga Rita Herrera, mostra que o número de atropelamentos multiplicou-se por quatro nos últimos cinco anos.

Pesquisa estimou em 2.700 o total de animais mortos por ano só nas rodovias federais da Região Sudeste

Os projetos das rodovias são traçados de maneira improvisada, sem nenhuma preocupação com a fauna silvestre. Não há cercas de proteção nem túneis para facilitar o tráfego de animais de um lado para outro. A sinalização é precária e ninguém respeita os limites de velocidade. O Brasil tem milhares de quilômetros de rodovias que atravessam santuários ecológicos. Em todas elas, o atropelamento da fauna é um problema.

Há poucos anos, uma pesquisa feita pelo biólogo Emerson Vieira, da Universidade de Campinas, estimou em 2.700 o total de animais mortos por ano só nas rodovias federais da Região Sudeste. Na estrada que liga Pelotas a Chuí, no Rio Grande do Sul, centenas de capivaras e outras espécies são atropeladas todos os anos no trecho de 20 quilômetros sobre o Banhado do Taim, um mini pantanal perto da divisa com o Uruguai. O mesmo acontece na Manaus-Porto Velho e na Cuiabá-Santarém, rodovias que cruzam extensas áreas de Floresta Amazônica.

Armadilha

A estrada é uma armadilha mortal para essa enorme e variada fauna, porque atrai os animais antes de matá-los. Alguns deles são atraídos para o meio da rodovia em busca de pequenos animais e insetos que também são atropelados pelos automóveis e servem de banquete para seus predadores. Em sua singular pesquisa de campo, Fischer testemunhou cenas dramáticas. "Já vi famílias inteiras de animais atropeladas de uma só vez, e filhotes órfãos vagando pela rodovia" . O maior número de mortes ocorre à noite, porque os faróis dos carros provocam cegueira momentânea nos animais. Surpreendidos pelo facho de luz em meio à escuridão, eles ficam imobilizados, em vez de fugir. "Não dá nem para culpar os motoristas pelos acidentes", diz Fischer. "A estrada é que não deveria estar aqui."

"Já vi famílias inteiras de animais atropeladas de uma só vez, e filhotes órfãos vagando pela rodovia"

Ondas ultra-sônicas

Experiências de outros países no assunto, mostram que é possível reverter esta situação. A Alemanha, onde estão as estradas ecologicamente mais corretas do planeta, combina cercas que impedem o acesso dos animais à pista, com viadutos pelos quais eles possam atravessar de um lado a outro, sem ter de enfrentar os carros. Nos Everglades, a imensa área de pântanos ao sul da Flórida, nos EUA, as rodovias de alta velocidade são suspensas nos trechos de maior concentração da fauna. Em outras regiões, vizinhas de parques nacionais, usam-se até aparelhos que emitem ondas ultra-sônicas para afastar os animais da rodovia.

Outra solução, mais simples e barata, adotada no mundo inteiro, é estabelecer limites rigorosos de velocidade e punir motoristas infratores. "São medidas relativamente simples, que poderiam ser aplicadas no Pantanal brasileiro e reservas ecológicas. "Com um pouco de boa vontade, é possível pôr um fim nessa tragédia", acredita Fischer

Preocupação

A diversidade de nossa fauna transmite uma falsa idéia de abundância, o que costuma levar à destruição. A expansão desordenada do país tem provocado a diminuição de várias populações da fauna ao ponto de levar algumas espécies a desaparecerem de muitas regiões.

Muitas espécies se encontram em extinção devido a processos naturais; outras, no entanto, correm o risco de extinção pela acelerada ocupação e destruição da nossas florestas.o IBAMA publicou a lista oficial das Espécies Ameaçadas de Extinção. Na lista há animais bem conhecidos, como a ararinha-azul, a ararajuba, o mico-leão-de-cara-dourada, tamanduá-bandeira, tatu-canastra, ariranha e outros.

Espécies em extinção

Mamíferos: 67
Aves: 109
Répteis: 01
Insetos e outros invertebrados: 32
Total: 218 espécies

issuu-downloader.com

Turismo

Os encantos da Serra

Criado a 30 anos, o Parque Nacional da Serra da Canastra revelam aos olhos o que a natureza tem de mais belo

Alessandra Goiaz Mendonça
7º período de Jornalismo

fotos tiradas do site www.canastra.com.br

A região da Serra da Canastra, no Sudoeste de Minas Gerais, possui algumas das mais deslumbrantes e desconhecidas paisagens do Brasil. Para manter as belezas naturais do lugar, foi criado em 1972, o Parque Nacional da Serra da Canastra, com 71.525 hectares demarcados e parte do território de três municípios: Sacramento, Delfinópolis e São Roque de Minas. É nesta última, por ser a cidade mais próxima, que está localizado o escritório do IBAMA, responsável pela preservação do Parque.

Os parques nacionais, em geral, são áreas delimitadas, que por suas belezas naturais e culturais devem ser preservadas e conservadas. Os principais objetivos desses parques são a preservação ecológica, a proteção de espécies raras da fauna e da flora, a proteção dos recursos hídricos (rios, nascentes e cachoeiras) e das formações geológicas, além de proporcionarem meios para a educação ambiental, investigação, pesquisa, estudos e a conservação de valores culturais, históricos e arqueológicos.

A região da Serra da Canastra, no Sudoeste de Minas Gerais, possui algumas das mais deslumbrantes e desconhecidas paisagens do Brasil

O da Serra da Canastra, especificamente, possui riquezas que revelam aos olhares mais atentos, o que a natureza tem de mais bonito. São cachoeiras, nascentes de rios, animais e vegetação fazem o cenário perfeito para passeios e esportes radicais.

Veado Campeiro é uma das principais atrações do Parque

Um dos grandes motivos da criação do Parque foi a proteção das nascentes do rio São Francisco. A Serra da Canastra é uma espécie de berçario de rios situados bem no divisor de duas baciias hidrográficas: a do rio Paraná e a do rio São Francisco. Da bacia do Paraná, um dos rios mais conhecidos que nascem no chapadão é o Araguari. Foi às margens deles que no século XVIII, surgiu o garimpo de ouro que deu origem à história vila do Desemboque, marca de toda a ocupação do Brasil Central.

No Cerrado, a flora apresenta uma biodiversidade estimada entre quatro mil a 10 mil espécies de plantas

Segundo Paulo Estevão Pucci, professor de Turismo Ecológico na UNIUBE, o Parque possui área delimitada com estrutura para camping, com luz elétrica, chuveiros, churrasqueiras. " O Parque agora está passando por uma reestruturação, é interessante ligar para os responsáveis para ver se a área do camping está disponível, se não está passando alguma reforma", avisa Paulo.

Além de professor, Paulo Pucci é superintendente do ONG Organização da Preservação da Natureza Grupo Kurupira, cujo objetivo principal é a educação ambiental. Eles trabalham com projetos na área de turismo ecológico, fazem prestação de consultoria gratuita a proprietários rurais e industriais dentre outras atividades relacionadas ao meio ambiente. Para a Serra da Canastra, o grupo possui dois projetos, o projeto São Francisco, integração para o incentivo ao turismo ecológico, e o segundo é o Operação Serra Limpa, que é a doação de tambores e sacos de lixo com mensagens ecológicos timbradas para o pessoal do IBAMA e para turistas.

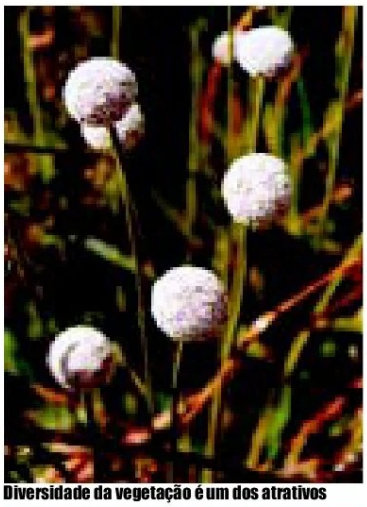
O Cerrado

A Serra da Canastra pertence ao Cerrado brasileiro. Este se encontra no coração do país em área de aproximadamente dois milhões de quilômetros quadrados, ou 22% do território nacional. De acordo com o livro Um olhar sobre o Cerrado, idealizado por Beatriz Masson, esta imensidão de terras corresponde a três Françias ou seis Itálias ou ainda 40 Holandas. Além das diversidades de flora e fauna, o Cerrado é o berço das águas brasileiras, onde nascem os rios formadores das três maiores bacias hidrográficas da América do Sul – o rio Tocantins e o Araguaia, que correm para a Amazônia; o rio São Francisco, que vai para o Nordeste e os rios formadores da bacia do Paraná, que segue a direção sul até chegar ao Uruguai.

No Cerrado, a flora apresenta uma

Cachoeira Casca D´Anta de quase 200 metros, é a primeira grande queda do Rio São Francisco

issuu-downloader.com



Diversidade da vegetação é um dos atrativos

Lobo-guará com sua coleira de identificação posta pelos ambientalistas

biodiversidade estimada entre quatro mil a 10 mil espécies de plantas. Em número de espécies vegetais, só perde para as florestas tropicais úmidas, como as da Amazônia e das matas costeiras. A fauna também não deixa a desejar. Somente entre os vertebrados são conhecidos 400 espécies de aves, 70 gêneros de mamíferos e 30 espécies de morcegos, e entre os invertebrados foram identificadas 27 espécies de libélulas, 90 de cupins, 1000 borboletas e 550 abelhas vespas. É muito tipo diferente de bichinho!

Voltando ao assunto, o Parque Nacional da Serra da Canastra faz parte apenas de um pedacinho do Cerrado brasileiro, possuindo dois maciços importantes: a Serra das Sete Voltas e a Serra da Canastra com atitudes variando entre 900 e 1496 metros. A vegetação típica é de campos de altitude, com capões de mata nas grotas e vales. Devido a este tipo de vegetação o Parque é propenso a incêndios, que na maioria das vezes, são de grande proporção, principalmente no período de julho a outubro.

Assim como o lobo-guará, outro animal que está em risco de extinção devido à destruição de seu habitat é o tamanduá-bandeira

Segundo Paulo Pucci, existe um trabalho por parte do IBAMA com os proprietários de terras que ficam ao redordo Parque de fiscalização e conscientização quanto ao perigo de colocar fogo em pastos. Quanto ao Grupo Kurupira, eles ajudam no que diz respeito ao turistas. " A gente conversa, pede para tomar cuidado, pára os veículos na estrada e pede para tomar cuidado com o tocos de cigarro. A vezes quebra uma garrafa ou a joga para fora do carro, isso pode causar, posteriormente, incêndios. O vidro funciona como uma lente, você já viu que com uma lente de aumento, consegue fazer fogo", explica.

Um dado curioso a respeito do Cerrado encontrado no livro de Beatriz Masson é que as queimadas, comuns nos períodos de seca, também trazem a vida. Depois de consumidas as folhas ressecadas e de tornadas cinzas as cascas de alguns troncos, mesmo em plena seca, muitas espécies brotam acordadas pela combustão. A casca cortiçosa e grossa das árvores atua como uma espécie de isolante térmico, protegendo a integridade do tronco, que volta a brotar pouco depois de atingido pelo fogo. Muitas espécies, como a jacaranda anã, possuem sementes protegidas por rígidas estruturas, que se abrem somente depois da agressão provocada pela alta temperatura.

Porém, isto não quer dizer que se deve colocar fogo em tudo quanto é árvore ou planta do Cerrado. Atualmente, as queimadas só podem ser feitas mediante autorização oficial, em áreas delimitadas, para fins agropecuários ou científicos. Não pode sair botando fogo em tudo porque pode ocasionar seríssimo danos ecológicos.

Animais em extinção

Assim como a flora, a fauna do Parque da Serra da Canastra também tem as suas diversidades de espécies. Os animais são uma das maiores atrações da Serra. A fauna típica da região reúne várias espécies ameaçadas de extinção como o tamanduá-bandeira, o lobo-guará e o veado-campeiro, que podem ser vistos com relativa facilidade. Porém, se o homem não tomar consciência, estes animais só serão vistos em retratos.

O lobo-guará, por exemplo, há alguns anos atrás, podia ser encontrado em grande parte do território brasileiro. Atualmente, habita os cerrados abertos da região Centro Oeste, além de áreas restritas das regiões Sul e Sudestes. Este animal faz parte das espécies da fauna brasileira ameaçada de extinção, restam poucos milhares da espécie.

A regra número um para ver os bichos e ser atento e silencioso, ou seja, quem estiver a pé terá mais chances

Paulo Pucci conta que, há algum tempo atrás, ele não disse quando, dois lobos-guarás foram capturados em Uberaba. Depois de passarem por uma quarentena, com a autorização do IBAMA, eles foram soltos na Serra. " Esses dois lobos que nós encontramos foram soltos com coleiras de identificação, elas são próprias para não machucar o animal".

Assim como o lobo-guará, outro animal que está em risco de extinção devido à destruição de seu habitat é o tamanduá-bandeira. O crescimento populacional, bem como a extensão da pecuária e a caça ilegal estão contribuindo para a redução de espaço natural e extermínio da espécie. As queimadas criminosas também são fatais, pois seu pêlo e altamente inflamável.

A preservação de seu habitat natural é fundamental para a sua sobrevivência. Dificilmente atinge alta longevidade em cativeiro, já que não há insetos suficientes para satisfazê-lo. Na natureza pode viver mais de 25 anos, enquanto nos zoológicos ou cativeiros morrem antes de se acasalarem.

No entanto, mesmo ameaçados eles podem ser encontrados no Parque com facilidade. Não só eles, como também, cachorro-do-mato, siriema, ema, gavião carcará, quatis, tucanos... A regra número um para ver os bichos e ser atento e silencioso, ou seja, quem estiver a pé, a cavalo ou de bicicleta terá mais chances do que quem estiver de carro. A maioria dos animais foge quando percebe a presença de movimentos estranhos. Alguns são dóceis e curiosos, permitindo uma aproximação. Nesse caso, o turista deve ficar calmo, não fazer barulho nem movimentos bruscos e não perseguir os animais. A recompensa pode ser uma bela foto.

Placa indicando a nascente do Rio São Francisco

Parque possui 71.525 hectares demarcados

issuu-downloader.com

Abastecimento

O futuro pode ir água abaixo

Escassez de água começa a amedrontar

Diovana Miziara
5 periodo de Jornalismo

arquivo: Grupo Curupira

Polícia florestal embargou desmatamento na margem do rio Uberaba no ano passado

O Planeta Terra formando em grande parte de sua extensão por grandes massas de água bem que poderia se chamar **Planeta Água**. Segundo o site www.uniagua.org.br, o volume de água estimado em nosso planeta gira em torno de 1,35 bilhões de km^3, sendo que, 97,40% deste volume pode ser considerado como água salgada encontrada nos oceanos e mares, o restante destas reservas pode ser encontrado nas grandes geleiras dos Pólos, em torno de 1,979%, nas águas subterrâneas (0,59%), nos rios e lagos (0,03%) e na atmosfera em forma de vapor d'água (0,001%), totalizando 2,6% de água que pode ser considerada como "doce".

Porém, a diferença entre os volumes de água disponível no **Planeta Água** e a água adequada para consumo humano, pode ser visualizada com o exemplo de um barril utilizado para acondicionar toda água existente no planeta; a água doce ocuparia aproximadamente 13,5 latas de refrigerante, já a água que encontramos nos rios, lagos e outros reservatórios propicia para usos mais nobres ocuparia pouco mais que uma xícara de café.

Portanto, a recente preocupação quanto a escassez de água nas próximas décadas é uma previsão baseada em fatos concretos, avaliados cientificamente, visto que, o volume de água propício para consumo das populações encontradas as margens de rios e lagos tem sido reduzido significativamente tanto na quantidade como na qualidade.

De certa forma, o Brasil encontra-se em posição privilegiada com relação a outros países, pois detem cerca de 11,6% da água superficial de todo mundo, porém 70% deste recurso se encontra na Região Amazônica que se caracteriza pela sua baixa densidade demográfica, do lado oposto, regiões densamente povoadas possuem menor disponibilidade deste recurso. Um caso brasileiro de grande veiculação na mídia é a cidade de São Paulo. Esta metrópole caracterizada pela sua alta densidade demográfica sofre com a escassez das águas em alguns períodos do ano. Além disso, o modelo de desenvolvimento econômico vigente que privilegia o crescimento urbano sem levar em conta o equilíbrio ecológico faz com que sejam lançados grande parte dos esgotos domésticos e industriais *in natura* (sem tratamento) no Rio Tietê, Pinheiros e outros, o que contribui diretamente para a queda da oferta de água. Por outro lado, destaca-se a falta de planejamento dos órgãos públicos ligados a esta temática no passado.

Recente preocupação quanto a escassez de água nas próximas décadas é uma previsão baseada em fatos concretos

Para manter as ágas claras

Em Uberaba a situação não é diferente. Hoje a cidade conta com 250 mil habitantes, que consomem de 250 a 300 litros de água por habitante dia. Segundo o engenheiro do Centro Operacional de Desenvolvimento e Saneamento de Uberaba, CODAU, Osmar Ribeiro de Morais, esta situação se torna delicada se levamos em conta que temos uma única fonte de abastecimento: o Rio Uberaba.

Uberaba quer dizer "águas claras", em língua indígena. Não foi a cidade que deu nome ao rio e sim o rio que deu nome a cidade. Então, para Osmar Ribeiro de Morais isso significa que a região tem abundância de água. O problema é equilibrar a retirada de água do rio e com crescimento da cidade. "Este é um fator econômico que o município tem a função de administrar bem. Quando tirar do rio e até quando permitir que a população cresça", diz ele.

No ano passado, nos meses de setembro e outubro, Uberaba passou pela estiagem mais prolongada dos últimos 50 anos

A cidade cresceu em número de habitantes, mas também em outros setores. Segundo Rogério Stacciarini, engenheiro civil, doutor em recursos hídricos, o crescimento de Uberaba foi em vários setores e não apenas populacional. "O crescimento da população acaba ocasionando o crescimento de outros setores. Se a população cresce surge a necessidade de criar mais condomínios, mais conjuntos habitacionais, que estarão impermeabilizando, invadindo áreas de nascentes, que alimentam o rio e a própria cidade". Segundo ele, hoje 75% da água no Brasil é utilizada para o setor agrícola e Uberaba tem essa característica muito forte que é a de produção agrícola e também criação de rebanhos. Muitas áreas que eram de cerrado, de preservação permanente, deram lugar para as pastagens, para a cultura da cana de açúcar.

Paulo Estevão Pucci, superintendente executivo do Grupo Kurupyra- Associação

issuu-downloader.com

para Preservação da Natureza- também acredita que o crescimento da população tem afetado a distribuição de água na cidade. “A urbanização de áreas de mananciais demonstra uma falta de visão das pessoas que permitem que a cidade cresça. Uma vez que a cidade cresce, aumenta o consumo de água, a geração de esgoto, aumenta a falta de emprego. É uma reação em cadeia”.

De forma geral, nota-se um desperdício muito grande de água por parte da população. Para o engenheiro civil, mestre em recursos hídricos, Fabrício Vieira Alves, a água tem sido utilizada pela nossa sociedade com grande desrespeito, mesmo tratando-se de um importante recurso natural e econômico para a sobrevivência e desenvolvimento das gerações presentes e futuras que ocuparão o planeta.

Rogério Stacciarini diz que, todas as culturas estão “educadas” para o desperdício de água pelos seus próprios hábitos interiores e domésticos. Para ele isso se estende também para a agricultura e usos industriais. “A população tem o hábito de consumir água de forma excedente ”, diz.

No ano passado, nos meses de setembro e outubro, Uberaba passou pela estiagem mais prolongada dos últimos 50 anos, maior inclusive a enfrentada durante a crise de energia no país. Segundo Carlos Sampaio Nogueira, Secretário de Meio Ambiente de Uberaba, nesse período, a umidade do ar diminuiu, a evaporação aumentou e ainda existia problemas com as irrigações irregulares, ocasionando a diminuição do leito do Rio Uberaba. Tal fato obrigou a retirada de 100% da água do rio, sem, contudo, atender a população. As medidas tomadas foram de reduzir o consumo da população que recebeu água em rodízio de 12 X 12horas, fechamento de pontos de retiradas de água do rio e importação de água do Rio Claro.

Rio Uberaba, em foto de outubro de 2002, na seca que mais castigou a cidade

Diferentes caminhos

Para este ano, mesmo tendo começado com muita chuva, soluções devem ser tomadas porque do contrário, o abastecimento de água na cidade ficará comprometido mais uma vez. “O Rio Uberaba não é cercado de solos esponjosos, é cercado de regiões de mata e a chuva que cai na mata esoca rapidamente, penetrando pouco no solo. Embaixo do Rio Uberaba é tudo basalto. A chuva enche muito transbordando o rio, fazendo com que ele não retenha a água. Nos só estamos retirando do rio e não repomos; mas agora e hora de pensar que o rio por si só não consegue abastecer a cidade. Precisamos parar de pensar que o rio é uma fonte inesgotável. O rio é uma fonte esgotável”, diz Osmar Ribeiro de Morais.

O Codau está desenvolvendo uma campanha de conscientização para tentar reduzir o consumo de água

Para Osmar Ribeiro de Morais, só com a transposição não se tem condições de sustentar a instabilidade do rio

A primeira providência para tentar resolver o problema já foi tomada. O Codau está desenvolvendo uma campanha de conscientização para tentar reduzir o consumo de água a níveis nacionais, que é de 150 litros por habitante dia. Com isso também será veiculada uma campanha de economia de água nas escolas, principalmente entre crianças, através da distribuição gratuita de uma apostila educativa. “Às crianças podemos ensinar como economizar água; aos adultos devemos punir financeiramente, para que percebam que a água é um bem de certa forma caro”, afirma o engenheiro da CODAU.

Outra solução prevista é o controle da ocupação da Bacia do Rio Uberaba, para que a vegetação ciliar cresça e tenha capacidade de reter a água no solo, mesmo depois de passada a época das chuvas.” A Bacia do Rio Uberaba, acima da captação soma 500 quilômetros quadrados. Nestes 500 km, quando chove, nos queremos que essa água fique armazenada no solo porque quando a água penetra no solo, ela demora um prazo para chegar no rio. Quando se tem muita vegetação, a água vai mais devagar para o rio. Com isso conseguimos ter uma vazão mais perene. Além do mais, a Bacia do Rio Uberaba é hoje uma área de preservação ambiental. Então a ocupação dos solos será regida por leis, porque precisamos manter a água. É importante que tenhamos uma forma de regularização da ocupação urbana ”, diz Osmar Ribeiro de Morais.

Para os técnicos do CODAU estas iniciativas não bastam para resolver o problema de escassez de água na cidade. Também está sendo estudada a viabilização de uma transposição de águas do Rio Claro para o Rio Uberaba, ou seja será transportada a água de outra bacia para a Bacia do Rio Uberaba. Mas para isso deve ser visualizada toda a questão ambiental do processo. Esta transposição deve seguir alguns critérios ambientais e não pode danificar a Bacia do Rio Claro, de onde se estaria retirando esta água e nem a Bacia do Rio Uberaba que estaria recebendo a água. Este processo já está em fase de pedido de aprovação pelas autoridades e assim que esta aprovação sair, a transposição será feita.

Para Osmar Ribeiro de Morais, só com a transposição não se tem condições de sustentar a instabilidade do rio, então será

Grupo do Instituto Estadual de Florestas (IEF) na captação para recomposição da vegetação ciliar

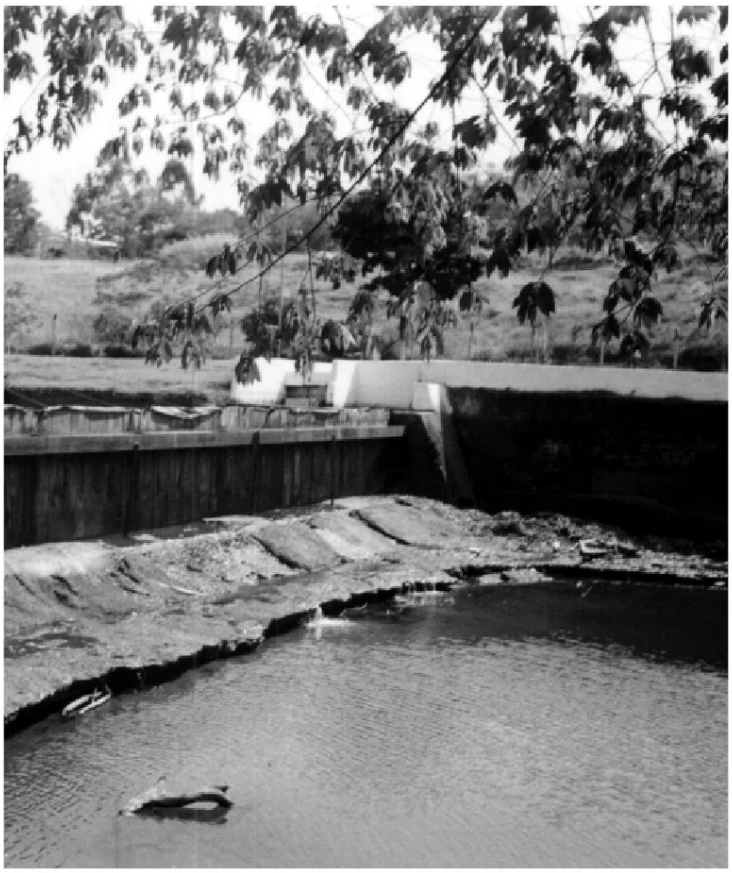
issuu-downloader.com

construída uma represa, chamada represa de regularização, com capacidade de armazenar mais ou menos 2 milhões de metros cúbicos, para sustentar e equilibrar as águas do Rio Uberaba. "Quando chover essa água vai ficar em cima, quando começar o período da seca, essa água vai começar a descer. Então nós vamos controlar a vazão que precisamos. A vazão do rio é de 1.2 metros cúbicos por segundo, mas retiramos 0.9 então sobra 0.3 para manter o rio. No geral essa represa vai regular a vazão, choveu aqui em Uberaba e o leito do rio cresceu muito, a represa vai segurar este excesso de água e quando a seca chegar, teremos água armazenada", argumenta Osmar Ribeiro de Morais.

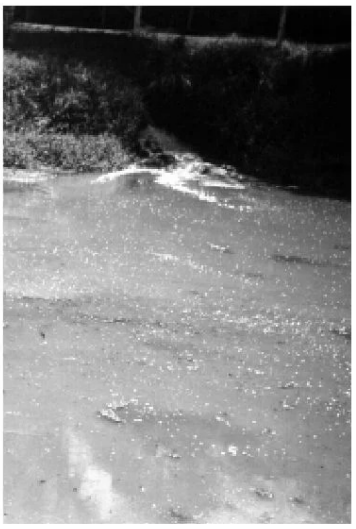
Mas toda essa discussão sobre uma possível transposição de águas e a construção de uma represa tem causado polêmica entre os estudiosos do assunto.

Para Paulo Pucci a transposição de águas deve ser feita dentro das exigências da legislação ambiental vigente, com estudo de impacto ambiental e um relatório com discussão na comunidade, porque a Bacia do Rio Claro interessa também ao município de Uberlândia. E a construção da represa estará sobrecarregando o rio, trazendo um impacto ambiental muito grande para o mesmo. "Você tira cada vez mais de um rio para o qual você dá cada vez menos".

Rogério Stacciarini compartilha da mesma opinião. "A transposição é complicada porque você estará transferindo um problema que é seu para outra bacia. Daqui a pouco esta bacia vai estar transferindo para outra e daí começaremos a ter conflitos por causa da água, já que a premissa diz que as próximas guerras poderão surgir pela falta de água e com a questão da transposição isto pode ocorrer", diz ele.



A vazão de água diminuiu a níveis consideráveis, provocando desabastecimento na cidade



Esgoto fica próximo ao local de captação de água

Para o diretor do Grupo Kurupyra as soluções para a resolução do problema de escassez de água são várias. Promover a recuperação da Bacia do Rio Uberaba é essencial, ou seja uma recomposição da vegetação ciliar para que ela regenere. Também seria viável trabalhar a questão da educação ambiental com os proprietários rurais, incluindo técnicas de manejo e conservação dos solos, a destinação final dos resíduos de sua atividade, o controle de pesticidas, herbicidas e fertilizantes, a utilização de máquinas agrícolas, que às vezes de uma maneira inadequada, gera compactação e permeabilização do solo. "São várias ações que devem ser desenvolvidas, se possível, simultaneamente", diz ele.

Promover a recuperação da Bacia do Rio Uberaba é essencial, ou seja uma recomposição da vegetação ciliar para que ela regenere

A opinião de Rogério Stacciarini, assemelha-se a de Paulo Pucci. "As primeiras soluções a serem tomadas, são a orientação verbal e também pela mídia a população do sentido de rodízio mesmo, todo mundo terá que se habituar a gastar menos, reorientar os trabalhos nas redes de distribuição e também um trabalho para a recuperação das nascentes e o reflorestamento do rio. Essas medidas devem ser imediatas. Talvez depois disso, seria a perfuração de dois ou três poços e também entender a capacidade do município. Se ele não pode crescer porque não tem água, então que seja feito a médio e longo prazo um controle de natalidade, para que a cidade só volte a crescer quando este ciclo se restabelecer. Em último caso seria a transposição".

Além disso, as cidades, e em Uberaba não é diferente, lançam seus esgotos sem tratamento em córregos e rios, juntamente com as indústrias e os produtores agrícolas mostrando poucas preocupações, continuam lançando grandes quantidades de material tóxico proveniente de suas atividades sem tratamento no meio ambiente, seja ar, solo ou água.

Segundo Osmar Ribeiro de Morais, o Rio Uberaba tem 150 km de comprimento da nascente até Uberaba, 57 km até a captação, 5 km de um trecho muito ruim que no período de seca fica totalmente sem água e depois vem 30 km de uma área onde não é possível ter vida de peixes e vegetais por causa dos esgotos que são lançados pela cidade sem tratamento.

De forma geral, estudiosos acreditam que o problema maior está na falta de cuidado com a Bacia do Rio Uberaba

Para Carlos Sampaio Nogueira, as indústrias deveriam dar uma destinação correta ao esgoto antes de lançá-lo no rio. Mas sabemos que isso não acontece porque infelizmente ainda não temos uma estação de tratamento de esgoto. As indústrias aqui instaladas jogam os esgotos no rio como qualquer outro habitante.

Fabrício Vieira Alves diz que esses esgotos lançados nos rios da região promovem a queda da qualidade das águas dos mananciais, utilizada também para abastecer outras cidades da Bacia do Rio Uberaba.

De forma geral, estudiosos acreditam que o problema maior está na falta de cuidado com a Bacia do Rio Uberaba. "O estado de degradação que se encontra a bacia no montante da estação de captação, vem fazendo com que o volume de água diminua a cada dez anos. À medida que o tempo vai passando, este volume de água vem diminuindo em função desta ação depredatória do homem na bacia", relata Paulo Pucci.

Rogério Stacciarini afirma que a bacia está sofrendo com a falta de investimento das autoridades locais. "Está faltando investir recursos na própria recuperação da bacia, incluindo recuperação da mata ciliar, estudos de impacto ambiental, a preservação das nascentes, a decapitação das obras de empreendimento que estão se agravando ao longo das margens do rio".

Já Fabrício Vieira Alves afirma que o principal problema refere-se a falta de política local. "A população de Uberaba e seus governantes tem conquistado importantes avanços nesta questão, porém encontram-se distantes de uma situação ideal de debate e implementação de políticas públicas".

De forma subjetiva podemos visualizar a água como um "termômetro" presente no meio ambiente, toda a interferência brutal do homem neste meio, seja, pelo desmatamento de reservas florestais, pela ocupação desordenada dos espaços ou no lançamento de poluentes no ar e na água promove alterações nas condições de equilíbrio do meio ambiente, e assim a queda da qualidade da água pode representar estas interferências. O Planeta água encontra-se doente e os primeiros sintomas podem ser notados.

Este paradoxo representa a limitação humana em compreender e aprender a viver em harmonia com os outros seres e elementos que constituem este *Belo Lugar*.

issuu-downloader.com

CADERNO LITERÁRIO

Sobre o Pôr-Do-Sol

Luis Flávio Assis Moura
2º período de Jornalismo

Não, não é que seja um simples acontecimento bonito: é que ele se desenovela e surge em processo, em camadas precisamente - cores e luzes e nuvens se assomando em procissão muda atravessando o sol e o dia aos poucos, como que carregando o caixão da estrela morta. Lentamente, pincelando-se de púrpura e quietude, nasce a lua em sua saciedade. Se o sol busca o poder e a invasão, a lua nada mais é que uma senhora em expectância de si, balançando seu corpo igual a uma mãe egoísta. Só que a lua não é egoísta: simplesmente é cheia de paciência, e seu brilho meio fosco esconde as obviedades do dia para transformá-las em incógnito. Descrever o que acontece é um pouco impossível; na verdade, não ocorre nada além de um pingar mais aéreo do tempo e uma tonalidade lentamente enterrando a outra enquanto os dois astros se desencontram e se beijam uma única vez nos campos do inegável e adivinhado, a embriaguez da bondade e de alegria insuportável cedendo sua vida para a terrível lucidez e sutileza da maldade pura e sem mestre. Mas existe um segredo na noite: aquilo que não aparecia ao sol e ninguém acreditava existir começa a correr solto pelas madrugadas túrgidas que serpenteiam-se por aí. E ninguém percebe do mesmo jeito, porque - quem verdadeiramente gosta da noite a não ser para se entorpecer como um cão afogado em licor e dono das patas sujas? Quem sairia de casa à noite unicamente pela razão de ser da escuridão? Ninguém além dos loucos e solitários, esses mistérios desacreditados da natureza dos homens. Assim, continua escondido o universo de sílfides, gênios, duendes, vermes, miasmas e anjos - sim, anjos! - resguardados em algum útero entumbado e inesquecível de Deus.

Cores e luzes e nuvens se assomando em procissão muda atravessando o sol e o dia aos poucos, como que carregando o caixão da estrela morta

Mas tudo isto é algo que há depois do pôr-do-sol e não o próprio, estou fugindo do assunto.

O pôr-do-sol em si, e agora serei linear, é aquele momento em que o sol se deita ao oeste e a lua nasce em algum lugar - embora ninguém queira saber da noite e ache o sol morrendo a coisa mais linda, me ajude, me ajude. Na verdade, a beleza que surge do pôr-do-sol é completamente outra; é o nascimento de algo sempre novo e destinado ao estertor. Porque a lua é um organismo marcado para morrer: não é como a porcaria do sol, que cai e renasce o tempo todo só por ser quente e fugaz. A lua carrega em sua redondice uma melancolia e fatalidade vergantes, nascidas de seu destino ser sempre o de viver a noite somente uma vez. Aquela mulher gorda experimentada na noite de hoje não é a que tecerá seu tempo e as estrelas mortas há milhões de anos na próxima. Ela morre e é reposta por outra, e cada uma das luas sabe disso antes mesmo de nascer. Todas elas - surgindo sabe-se-lá de onde, talvez do movimento eterno das coisas? - nascem e morrem em um dado instante imutável, afastadas da longevidade do Deus e estranhamente próximas de sua sabedoria quase inútil - mais do que qualquer outra das coisas que existem. E imagino que, séculos atrás, em algum lugar qualquer do planeta diziam que as estrelas nascentes eram as lágrimas da lua espalhadas pela tapeçaria das nuvens - estas, a cama da Deusa. A verdade que existe nesta lenda é a tristeza da noite; por ela, só podemos rezar e nos prostrar minúsculos e contritos.

Para terminar esta coisinha curta, falemos um pouco do crepúsculo. Isso, o crepúsculo. Que é o nascer do sol. (afinal, por que ser o sol o centro de todas as inferências?)Apesar de existir a mesma procissão solene de adensamento do mundo e das sensações em camadas cada vez mais numerosas e grossas, há uma diferença crucial na morte ritmada da lua: a unificação do tempo. Um pôr-da-lua se protege dentro de um cavalete secreto que mescla em sua conjuntura passado, presente e futuro, sendo ao mesmo tempo dia e noite, luz e sombra. É a oportunidade úmida e irrecuperável em que a lua pondera sua existência enquanto o sol se esquece da morte e volta lentamente a possuir e dominar sem propósito o céu com sua grandeza irritante. Ao mesmo tempo o mundo fica mais jovem e suas ramificações se envelhecem como que em ciranda, esperando sem avidez o entrelaçar dos dois extremos na celebração do tudo. Infelizmente, para testemunhar o abraço táctil entre sol e lua, ou se tem a disciplina para apreciar a existência das madrugadas ou simplesmente se padece de insônia ou tristeza. Este é um momento raro que só aqueles que desatam seus laços sanguíneos com a realidade sólida podem presenciar e compreender. É quando o primeiro dos mal-ditos "verdadeiros" de nossas vidas perde o sentido para sempre e o mundo se reinventa.

E imagino que, séculos atrás, em algum lugar qualquer do planeta diziam que as estrelas nascentes eram as lágrimas da lua espalhadas pela tapeçaria das nuvens

Pergunto: qual de vós tem a coragem de mergulhar no desconhecido da noite?

issuu-downloader.com

Não seja primitivo. Cuide do que é seu.

Biblioteca.
Quem usa sem destruir, sabe muito mais.

Portfólio
Agência Experimental de Comunicação

UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

issuu-downloader.com